

UM VÍNCULO NOS TRÓPICOS. ENTRE A ESPANHA E A BAHIA, O CONVENTO DA LAPA

Santos, Antonia da Silva*

RESUMO: *No século XV, durante o período em que Portugal e Espanha lutavam a fim de firmar suas fronteiras, uma mulher religiosa consegue triunfar com os seus objetivos de criar raízes concepcionistas, isto é, oficializar o culto à Virgem Maria. Alcançado o seu objetivo, o Mosteiro da Imaculada ampliou a sua história e, em 1744, no Brasil surgiu o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. No citado Convento, habitaram religiosas que se destacaram, dentre elas, a Madre Joana Angélica de Jesus, figura da História do Brasil, e, sobretudo, da História da Bahia. Neste trabalho, apresentam-se algumas abordagens e alguns documentos que demonstram a historicidade e espiritualidade concepcionista entre Beatriz da Silva e Menezes e Joana Angélica de Jesus, marcas espanholas e brasileiras.*

Palavras-chave: Espanha; Concepcionistas; Espiritualidade

INTRODUÇÃO

Numa sociedade dominada pelo homem, ao longo dos tempos, verifica-se a realidade das mulheres sob o patriarcado e lutas históricas contra a opressão patriarcal. As mulheres sofreram as aflições, angústias e desumanização da opressão patriarcal, mas também participaram de sua transformação social e crítica-profética como também proporcionaram uma revisão da Igreja como uma opção da patriarquia (FIORENZA, 1985:21-22).

É apontado um número de mulheres já apresentadas à área acadêmica, através de suas biografias e publicações.

Apresenta-se a fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, Beatriz da Silva e Menezes, destacada pelo seu carisma, sobretudo, em Toledo, na Espanha.

No Brasil, a Bahia abrigou um convento de religiosas que honrariam a Imaculada Conceição, o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Por um lado, no século XV, uma mulher triunfou na Espanha com a divulgação de suas raízes concepcionistas, mesmo antes de a Igreja definir, solenemente, como dogma de fé, a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem. Da vigorosa raiz cultivada por Beatriz da Silva, confirmou-se a sua espiritualidade, com a expressão da Ordem da Imaculada Conceição em diversos países, dentre eles, o Brasil. Por outro lado, as características contemplativas e de oração da ordem concepcionista foram marcas de coragem e de fé no trágico acontecimento do século XIX: a morte da Madre Joana Angélica de Jesus.

1. BEATRIZ DA SILVA E SUA RAIZ CONCEPCIONISTA

Reporta-se ao século XV, época em que a nação portuguesa foi sacudida, e seus filhos enfrentaram o Estreito de Gibraltar para buscar riquezas e terras, iniciando pela África, localizada ao Sul de Portugal. Em 1415, apoderando-se da cidade de Ceuta, o rei D. Duarte transformou-a em importante fortificação portuguesa. Dentre os homens ilustres que povoavam Ceuta, registraram-se os nomes de D. Rui Gomes da Silva e D. Pedro e Menezes, eleito

* Mestre em Letras, egressa da UCSal. antonili20033003@yahoo.com.br.

governador da recém-conquistada cidade.

Em 1422, fundiram-se as duas nobres famílias lusitanas, já citadas, juntando os nomes Silva e Menezes. Do matrimônio de D. Rui e D. Isabel, filha de D. Pedro de Menezes, nasceram onze filhos, dentre eles, a menina Beatriz da Silva e Menezes. A sua infância e adolescência transcorreram normalmente até que, em 1447, morando em Campo Maior, cidade portuguesa, não longe da fronteira com a Espanha, partiu para Tordesilhas, onde residia a corte de Castela (SANTA CRUZ, 1989:10-13).

Enquanto Portugal atravessava uma verdadeira epopéia ultramarina, após o envio de uma bem sucedida expedição a Ceuta, considerada como “a chave da Espanha e ferrolho da Cristandade” (SANTOS, 1996:59) realçava-se, assim, uma imagem denominada de Nossa Senhora da África. Ultimamente, a imagem se encontra na catedral da cidade, portanto o célebre bastão do primeiro governador da praça, D. Pedro de Menezes, Conde de Viana (SANTOS, 1996:61).

É sabido que Portugal foi fundamental na propagação do culto a Nossa Senhora. Beatriz da Silva, por ter duas nacionalidades (SANTOS, 2004), uma base familiar de fidalguia e religiosidade, pressentiu que o cerne da ordem religiosa que fundaria seria a Sua Imaculada Conceição (SANTA CRUZ, 1989:43).

2. A HISTÓRIA DA VIDA RELIGIOSA FEMININA: ALGUMAS ABORDAGENS

A história da vida religiosa feminina é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade (SANTOS, 2004).

A Igreja assumia a prioridade na construção e no controle dos papéis e práticas culturais das mulheres, mantendo, na piedade marial, uma fonte de inspiração e modelo de comportamento. Os resultados foram o antagonismo entre Eva e Maria - a misoginia e santificação, o pecado e a traição, em oposição à maternidade, à virtude e ao amor, e, sobretudo, à figura do *pater familias*, modelo do qual as mulheres deveriam obediência aos pais e aos maridos (DEL PRIORE, 1993:113).

O estabelecimento das antigas ordens religiosas no Brasil, a serem citadas as ordens dos beneditinos, franciscanos, carmelitas e mercedários, de fundação medieval, deram uma contribuição significativa para a vida religiosa e social da colônia brasileira (AZZI, 2002: 34-35). Pôde ser observado o aspecto religioso com a nova situação dos religiosos na esfera missionária. No aspecto cultural, destacou-se a sua participação no movimento iluminista, tendo diversos religiosos uma expressão no desenvolvimento científico do país.

Na bagagem dos portugueses colonizadores, o protótipo de família foi trazido para o Brasil. O país enfrentou condições de grande adversidade: raridade de mulheres brancas, profusão de índias, a pobreza e o isolamento dos três primeiros séculos, fatores que intervieram no paradigma ideal, criando formas convencionais de família.

Apesar de as autoridades brasileiras se negarem a assumir responsabilidades financeiras para com a fundação e funcionamento de mosteiros, a sociedade pedia, insistentemente, a instalação de casas de reclusão para mulheres (NASCIMENTO, 1994:44-57). Essas casas tornar-se-iam espaços significativos para a conservação e promoção social de muitas famílias luso-brasileiras, com dificuldades de obter cargos condignos para seus filhos ou casamento oportuno para suas filhas. A sua grande função social seria a proteção dispensada às mulheres que nele ingressariam: uma proteção àquelas que possuíam excelente situação financeira, em grande parte de comportamento irrepreensível, ou ainda, àquelas que se afastavam das normas da religião católica. Viveriam nos conventos para fugirem do mundo e dos seus perigos, da corrupção física e mental. Os conventos obrigariam, ainda, mulheres que desejassem professar a vida em clausura, assim como atenderiam à sua vocação religiosa (SANTOS, 2004).

Paralelo a isso, o Estado interferia na conduta religiosa da população, obrigando-a a voltar-se para a Igreja, por estrita regulamentação, e sujeitando-a através da Mesa da Consciência e Ordens. Tornou-se visível a interferência do Estado, por ser o Rei, o seu chefe (FLEXOR, 1997:11-35). As mulheres como Igreja tornaram-se invisíveis, não por mero acaso ou negligentemente, mas pela lei patriarcal, na qual faziam valer as exigências neotestamentárias, ou seja, “as mulheres se calariam em todas as Igrejas”. A estrutura era patriarcal e sustentada pela teologia androcêntrica, isto é, masculina (FIORENZA, 1985:10).

3. A FUNDAÇÃO DA ORDEM DA IMACULADA CONCEIÇÃO: ALGUNS TÓPICOS

Para o silêncio do claustro, duas mulheres que se separaram pela beleza, encontraram-se na dor e Isabel, a Católica, apoiou Beatriz da Silva e Menezes na sua missão religiosa. Beatriz atingira o ponto alto de sua vida, tornando-se responsável por doze companheiras, fundando o Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, em Toledo, na Espanha. Para a sua fundação, foi adotada a regra aprovada conforme a Bula *Ad Statum Prosperum*, autenticada pelo Papa Júlio II a 17 de setembro de 1511. Na Bula em questão, foi salientada a devoção alimentada por Beatriz da Silva e Menezes e pela Rainha Isabel, para a Imaculada Conceição. Daí, portanto, as religiosas franciscanas eram consagradas a honrar, especialmente, o mistério da Imaculada Conceição, sendo chamadas, por isso, concepcionistas (SANTOS, 2004). Também foi concedida à superiora do Convento, a dignidade de abadessa, permitindo-lhe a elaboração de estatutos e ordenações, dentro dos Cânones do Direito e sob a orientação da autoridade dos bispos (BAGGIO, 1984:38).

As religiosas concepcionistas usariam o hábito que representasse a imagem da Santíssima Virgem, que, desde a sua criação, foi tálamo virginal do Céu. (BAGGIO, 1984:38).

Na cidade de Toledo, cidade espanhola cingida por gigantescas muralhas, palco de lutas atroztes entre mouros e cristãos, foi criado um mito em torno de Beatriz da Silva. Esse mito surgiu, não só pela descoberta das suas origens fidalgas, mas pelo apoio concedido pela Rainha Isabel, a qual levou a sério a sua função de soberana de um país, estranhadamente católico. A ajuda da Rainha Isabel valia mais do que mil pistolões diplomáticos (SANTA CRUZ, 1989:49).

Beatriz tornou-se visível para uma época que a Igreja dominadora, ainda não via a Virgem Maria como dogma de fé. De forma invisível para o mundo, Beatriz da Silva desdobrou toda a sua capacidade, garantindo a vitória sobre os inimigos visíveis e invisíveis (SANTA CRUZ, 1989:72).

A multiplicação das mulheres da Imaculada não está baseada num enredo psicológico ou enredo técnico, mas na força de atração de uma a uma e de muitas outras mulheres. A vida de Beatriz da Silva e Menezes, a fundação de sua Ordem e o processo de sua canonização tiveram ritmo lento e paralelo, mas estão espalhados pelos quatro cantos do mundo conventos que confirmam o carisma de sua fundadora. (SANTOS, 2004).

4. O CONVENTO DA LAPA: UM PRIVILÉGIO CONCEPCIONISTA

O privilégio das estrelas concepcionistas chegou ao Brasil com a fundação do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, em Salvador, na Bahia, em 1744. Considerado um ramo promissor advindo do “vigoroso tronco” da comunidade de religiosas abrigadas no Convento de Santa Clara do Desterro, fundado em 1677, o Mosteiro da Lapa foi instalado através de licença régia e concessões pontifícias, datadas de 25 de outubro de 1733, 1º de abril de 1731 e 18 de abril de 1734.

A edificação do Convento foi custeada pela sociedade e pelos requerentes, João Miranda

de Ribeiro e Manuel Antunes de Lima, cujos muros térreos emergem primeiro, segundo e terceiro andares de treliça de madeira como rótulos que deixaram as monjas concepcionistas isoladas do mundo e sem que o mundo circunstante as visse (PEIXOTO, 1947:95).

Na parte externa do Convento da Lapa, há uma porta de madeira que dá acesso à Igreja, uma capela de pedra e cal, consagrada a Nossa Senhora, com título da Lapa. (CF. Provisão-Biblioteca Nacional, II, 33, 29, 110). Internamente apresenta majestoso estábulo; na capela-mor, encontra-se trabalho artístico digno de observação. Também são destacados o lampadário, os painéis de azulejo e as pinturas, sobretudo, a do forro. No teto da Igreja da Lapa, estão estampadas as figuras das filhas do fundador João Ribeiro, as quais ingressaram no Convento no dia 08 de dezembro de 1744, como cumprimento dos compromissos assumidos (SANTOS, 2004).

O histórico Convento privilegiou mulheres desejosas de ingressar na vida monástica e contemplativa, garantindo refúgio para mulheres que praticassem a clausura e fizessem votos particulares. As religiosas renunciariam ao direito de posse de bens temporais, pessoais e comuns; a virgindade seria um bem completo e devia-se obediência à abadessa e esta, ao Papa. (SANTOS, 2004)

Em face das discussões sobre a vida monacal feminina, realçara-se a figura de Joana Angélica de Jesus, vítima do seu dever, mártir de sua fé (PEIXOTO, 1947:94).

No início do século XIX, entre 1821 e 1822, rumores soturnos rolavam as terras brasileiras pela ânsia de liberdade. Dentre as províncias que tomaram posição com a divisão de nacionais e estrangeiros, ao lado dos que preparavam a Independência, destacava-se a Bahia, que se tornou palco de graves acontecimentos (PEIXOTO, 1947:95).

Numa sucessão de lutas, dentre desordens e desmandos, soldados comandados pelo General Madeira de Melo invadiram o Convento da Lapa, atingindo mortalmente a Madre Joana Angélica de Jesus, a qual faleceu em 20 de janeiro de 1822. Entretanto, só em setembro do mesmo ano, a Independência foi proclamada, sem sangue, às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo. Em 2 de julho do ano seguinte, seria a independência ultimada na Bahia, com sangue baiano a confirmá-la, depois do batismo que lhe deu a morte de Joana Angélica de Jesus.

CONCLUSÃO

As estrelas concepcionistas renovam-se constantemente e todas brilham sob a luz da Imaculada Conceição. Essa luminosidade é mostrada através de um crescimento numérico, à medida que a linguagem religiosa e os sistemas simbólicos funcionarem para legitimar a opressão social e marginalidade cultural das mulheres. A luta contra o silenciamento eclesiástico e a invisibilidade eclesial está no clímax da luta feminina por justiça, libertação e vida plena.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. Irmandades e Ordens Religiosas. In: PEREIRA, Paulo Roberto (org). **500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

BAGGIO, Hugo. **Madre Silva: 500 anos depois**. Rio de Janeiro. Ed. Mosteiro de Nossa Senhora da Ajuda, 1984.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

FIORENZA, Elizabeth Schussler. **Quebrando o silêncio:** a mulher se torna visível. Trad. Avelino Tilton. In: Revista Concilium, n 202, p. 8 [618] - [633], 1985/6.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. A religiosidade popular e a imaginária na Bahia do século XVIII. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, III., [s.d.], Évora, Atas... Évora: Universidade de Évora, p. 11 - 35, 1997.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Patriarcado e Religião:** as enclausuradas clarissas do Convento do Desterro da Bahia. **1677 - 1890.** Bahia: Conselho Estadual de Cultura, 1994.

PEIXOTO, Afrânio. **Livro de Horas.** Rio de Janeiro: Liv. Agir Editora, 1947.

SANTA CRUZ, Afonso de. **O pecado de ser bela.** Curitiba: Ed. Rosário, 1989.

SANTOS, Armando Alexandre. **O Culto de Maria Imaculada na Tradição e na História de Portugal - um paraíso legado que o Brasil fêz justificar.** Porto: Livraria Civilização Editora. 1996.

SANTOS, Antonia da Silva. **A historicidade e espiritualidade concepcionista de Beatriz da Silva e Menezes e Joana Angélica de Jesus: algumas abordagens e alguns documentos.** In: CONGRESSO DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA, VIII, 2004, Rio de Janeiro. UERJ, no prelo.

_____. Antonia da Silva. **Documentos relativos às religiosas do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa:** edição semidiplomática. Salvador: UFBA, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras.